

# | MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO LITERÁRIA |

COLETÂNEA DE DEPOIMENTOS CÉLEBRES  
E BIBLIOGRAFIA RESUMIDA

## Literatura e Política

*volume 5*

Organização de  
JOSÉ DOMINGOS DE BRITO

novera

## II. INTRODUÇÃO

---

### ✎ Luiz Antonio de Assis Brasil

*Escritor e professor titular da PUC/RS*

Escritores, em geral, são desastrosos quando dão depoimentos. No que toca à política, preponderam ambivalências, meias-palavras, paradoxos, dislates de toda ordem. As entrevistas, quando chegam a esse tema, entram por um túnel sombrio; o escritor se exaspera, responde a primeira coisa que lhe vem à mente, radicaliza, quer ver-se livre da indigesta pergunta. O entrevistador percebe esse mal-estar, que pode degenerar em franca hostilidade; daí que passa de imediato a outros assuntos, restabelecendo a harmonia.

Tudo isso decorre do fato simples: a escrita é solitária, e o escritor jamais consegue uma entente confortável entre o individualismo do seu trabalho e as exigências do coletivo ao qual ele mesmo pertence. Alguns usam paliativos, tais como o engajamento ostensivo. Foi o caso de Sartre e, também, de Vargas Llosa. Com isso justificam-se com o coletivo e consigo mesmos. Outros, também ostensivamente, provocam a esquerda e a direita: Mario Quintana, por exemplo, escreveu um poema significativo, em *A rua dos cataventos* (1940), o qual lhe rendeu não poucos dissabores numa época de acirrado debate ideológico: *Eu nada entendo da questão social / Eu faço parte dela, simplesmente / Eu sei apenas o meu próprio mal / Que não é bem*

*o mal de toda gente*. A necessidade de engajamento também fustigou outros intelectuais, como Érico Veríssimo. E para não ficar apenas nos gaúchos, posso pensar em Jorge Amado que, depois de abandonar sua posição à esquerda, viu-se alvo da patrulha stalinista.

Em suma: este é um tema tão importante quanto irresolvido. E assim ficará enquanto existirem escritores e enquanto existir a sociedade. O presente livro é uma demonstração cabal. O leitor poderá comprovar o quanto as declarações se opõem umas às outras; o quanto elas manifestam desagrado e, por vezes, repulsa. Em certos casos, o escritor torna-se um selvagem. Mas tudo isso tem origem no desconforto de que falei antes.

Um fato é certo: não temos como fugir da política, mesmo porque, sem ela, a alternativa é a ditadura – e isso ninguém quer, muito menos os escritores.

Os escritores, para resolverem o caso, deveriam desdramatizar o assunto, e não exasperar-se com ele. Afinal, se o entrevistador perguntou, é porque há alguma razão.

A resposta limpa, sincera e frontal é sempre a melhor mentira.

O leitor que julgue. Boa leitura.

# PARTE I



DEPOIMENTOS

# ADOLFO BIOY CASARES

Adolfo Bioy Casares

“ A autoridade me ofende. Se sinto que alguém sente alguma autoridade em mim, me dá vontade de pedir desculpas. O poder me parece algo quase obsceno. Imagino que, para que a sociedade exista, ele é necessário, mas então que o tenham outras pessoas. Não gosto de política. Me parece que geralmente os escritores que se metem em política se põem a serviço de pessoas que não se parecem em absoluto conosco e nos usam inescrupulosamente. ”

Fonte: *NEGREIROS*, José. O Globo, 25 de outubro de 1991.



ADOLFO BIOY CASARES nasceu na Argentina, em 1914. Reconhecido como um dos maiores escritores latino-americanos. Sua obra é considerada uma das mais imaginativas do realismo fantástico. Foi um escritor muito precoce. Seu primeiro livro, *Prólogo*, foi escrito aos 15 anos, e aos 25 anos escreveu seu romance mais conhecido, *A invenção de Morel* (1940), traduzido para mais de 20 línguas. Um livro excepcional, que inspirou o filme *O ano passado em Marienbad*, de Alain Resnais. Amante dos esportes – foi atleta, tenista, jogador de futebol e rúgbi – e das mulheres. “Não fui campeão dos mulherengos. Mas tive as necessárias, o que significa muito”, declarou em 1997. Não é por outra razão que foi chamado de Adolfo “Playbioy” Casares. Dos livros que escreveu, o que mais o atrai é *Guirlanda com amores*, um volume de narrativas que inclui alguns poemas: “É o livro que melhor expressa minha maneira de ser”. Dentre as obras, destacam-se: *Plan de evasión* (1945), *O sonho dos heróis* (1954) e *Histórias de amor* (1972). Em 1994, publica suas *Memórias*, um painel completo de sua vida que traz informações preciosas sobre o ambiente literário argentino no período de 1930-1950. Aos 82 anos, lança *De jardines ajenos* (1997). Seu último livro é *Conversações com Borges* (1999). Faleceu em 1999.

# AGUSTINA BESSA-LUÍS

Agustina Bessa-Luís

“ Eu não me defino politicamente. Quem se define politicamente não é político, é um objeto de tentação. A política não deve tentar, deve reunir os homens na esperança do bem comum. Se eu não fosse escritora seria política – e com êxito, asseguro-lhe. ”

Fonte: ALMINO, João. Folha de São Paulo, 18 de junho de 2000.



AGUSTINA BESSA-LUÍS nasceu em Portugal, em 1922, e publicou mais de 50 livros, entre romances, ensaios e peças de teatro. A inventora da literatura moderna da velha geração portuguesa publicou seu primeiro livro *Mundo fechado* em 1948. Escreve, também, para o teatro e cinema e é a “roteirista de plantão” do cineasta Manoel de Oliveira. *Francisca*, *Vale Abraão*, *Terras do risco* e *Party* são livros que viraram filmes nas mãos do cineasta. Teve destacada militância política, exerceu importantes atividades na área jornalística e ocupou cargos públicos na área cultural. A partir de 1954, com o lançamento de *A sibila*, passou a ocupar posto de destaque na literatura portuguesa. Um de seus livros, *Memórias laurentinas* (1996), conta a história de uma família (a dela) descendente de espanhóis e portugueses, ocorrida na região de Loureiro. São memórias de seu avô, que a privilegiou, quando contava apenas com dois ou três anos, em seu testamento, em detrimento dos netos homens. Escrever esse livro significou o pagamento de uma dívida moral e afetiva com seu avô. Em 1997 lançou *Um cão que sonha* e ganhou o Prêmio da União Latina. Em 2000 publicou *A quinta essência*, uma obra que trata, de forma romanceada, das relações entre Portugal e China. Em 2004, aos 81 anos, foi agraciada com o mais importante prêmio literário da língua portuguesa, o Prêmio Camões, pelo conjunto de sua obra. Em outubro do mesmo ano, esteve no Brasil para lançar *Vale Abraão*. Mais alguns de seus romances: *A muralha* (1957), *O sermão do fogo* (1962), *A Bíblia dos pobres* (1967), *Crônica do Cruzado Osb* (1976), *Prazer e glória* (1988), *Concerto dos flamengos* (1994), *O princípio da incerteza* (2001 e 2002) etc.